

Para além do conteúdo e do relato deste repórter o que me marcou, foi a ilustração das páginas: as imagens de autoria de Lu Cong (Cong Hua Lu) em que os limites entre fotografia e pintura são borrados, retratam seres humanos assépticos, ostentando olhares ao mesmo tempo vidrados e perdidos.

Ao terminar a leitura questionei: seria este o olhar provocado pela medicação?

Embora TRIP não seja uma revista científica vale a pena ler este exemplar.

Para leitura do artigo "Geração Ritalina", na íntegra, acesse:
<http://revistatrip.uol.com.br/revista/203/reportagens/geracao-ritalina.html>

Helena B. Silva - Diretora Financeira Adjunta

Maria Cristina Natel - Diretora Presidente

LIVROS

Recomendamos para sua biblioteca:

Identidade e Subjetividade de professor – Sentidos do aprender e do ensinar de BEATRIZ SCOZ, Editora Vozes, 2011, Petrópolis – RJ

O perfil do professor mediador – Pedagogia da mediação de LORENZO TÉBAR, Editora SENAC, 2011, São Paulo – SP

A atenção aprisionada – Psicopedagogia da capacidade atencional, ALICIA FERNÁNDEZ, Editora Penso, 2012, Porto Alegre - RS

EXPEDIENTE

Diretoria

Maria Cristina Natel – *diretora presidente*

Sandra Lia Nisterhofen Santilli – *diretora vice-presidente*

Tiago Cimino Carvalho – *diretor secretário*

Ester Monteiro – *diretora secretária adjunta*

Selma Taurisano – *diretora financeira*

Helena B. Silva – *diretora financeira adjunta*

Ivanilda Santos Moura – *diretora cultural*

Vania Fos – *diretora cultural adjunta*

Sandra Casseri Rindeika – *diretora relações públicas*

Osmar Salvadori – *diretor relações públicas adjunto*

Editores de Redação: Sandra Lia Nisterhofen Santilli

Conselho Editorial: Maria Cristina Natel, Ivanilda Santos Moura, Selma Taurisano

500 exemplares – Criação e Impressão – **KOSMOGRAF**

Este periódico é uma publicação exclusiva da **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO**



Contato: 9513-1411

www.saopauloabpp.com.br • saopaulo@saopauloabpp.com.br Ano 7 • Nº 17 • Dezembro 2011

INFORMA

EDITORIAL

Bendita seja esta época que une a todos em uma conspiração de amor!

É hora de tirar o pé do acelerador, encerrar as atividades e fechar para balanço.

É mais um ano que finaliza e com ele muitas lembranças e histórias para contar sobre os esforços e trabalhos realizados.

Final do ano: hora e tempo de planejar, de agradecer e de festejar.

Planejar a trilha dos próximos passos, avaliando o que passou para repetir os acertos e corrigir as falhas.

Agradecer a todos os parceiros e amigos, e em especial à diretoria executiva desta Seção, pela contribuição e importância de todos e de cada um em sua função neste primeiro ano da nossa gestão de trabalho.

Festejar os sonhos realizados e o prazer de cada conquista.

Sim, 2011 foi um ano de conquistas e realizações para a **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO!**

Cumprimos com as metas estabelecidas, aumentamos nosso quadro de associados, estabelecemos parcerias, criamos comissões de trabalho, estamos fazendo parte de uma rede social, assumimos nosso compromisso social ao trabalhar com professores da rede pública de ensino, atualizamos nossa logomarca e ampliamos este informativo que nesta edição já está com o logo renovado. Faz parte desta ampliação o **Espaço Aberto**, canal de publicação de textos e comentários de alunos e/ou psicopedagogos em início de sua profissionalização. Um aluno de Psicopedagogia inaugura este espaço com o tema "Intervenção Psicopedagógica: entre o excesso de diagnósticos e a função do resgate".

Compõe ainda esta edição artigos, relatos e comentários relativos à atuação do psicopedagogo, indicação de livros e site.

Os eventos culturais da Seção estão na agenda 2012. Assino este editorial em nome da diretoria da **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO**, desejando neste tempo da festa da cristandade, do amor e da fraternidade, esperanças renovadas a todos os leitores, para o ano de 2012.

Maria Cristina Natel

NA SEÇÃO SÃO PAULO - PRÓXIMOS EVENTOS

PROGRAME-SE!

AGENDA CULTURAL

1º semestre de 2012

Fevereiro

Roda de Conversa
Tema: "Jogo eletrônico, vilão ou herói?"

Março

Roda de conversa
Tema: "Aprendizagem e Família, uma conversa necessária".

Abril

ABPp SEÇÃO SÃO PAULO e a Universidade: Parceria na construção do conhecimento

Palestra

Tema: "A intervenção psicopedagógica no âmbito do consultório: o que e como fazer".

Mai

Palestra

Tema: "A aprendizagem e suas questões sob a ótica da Psicopedagogia e da Neurociência: uma discussão interessante e possível".

Junho

Evento para pais

Tema: "Uma compreensão acerca do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade: nem toda desatenção e inquietação é TDAH".

A **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO** organizou sua agenda cultural para o 1º semestre de 2012, com a preocupação e o cuidado de oferecer aos seus associados e a todos os profissionais da área educacional, da saúde e afins, temas de caráter reflexivo, mas também formativo, pois entende que uma de suas responsabilidades é contribuir para a atualização dos profissionais envolvidos com as questões relacionadas à aprendizagem.

www.saopauloabpp.com.br

contato: 9513.1411

QUE O ANO NOVO QUE CHEGA TRAGA REFLEXÕES PARA APRENDIZAGENS POSITIVAS E EFETIVAS NA SUA VIDA!

PROGRAME-SE!

2012

CONGRESSO NACIONAL DE PSICOPEDAGOGIA

Juntos, é bem melhor!

A Diretoria Financeira da Seção São Paulo estabeleceu, neste primeiro ano da gestão 2011-2013, a meta de ampliar o número de associados: primeiramente procurou a todos interessados e antigos associados que por algum motivo, seja ele, financeiro ou não, tenha se afastado do nosso grupo e, em um segundo momento, fez uma campanha sobre a relevância de fazer parte da **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO**. Nosso intuito foi relembrar a importância da participação do profissional para continuar a fortalecer a Psicopedagogia.

Desenvolvemos um plano de ação, iniciando nossa campanha por telefone, por e-mail e até por torpedo, e assim conseguimos o retorno de alguns e a adesão de novos, ultrapassando em 30% o número de associados.

Diante disso, gostaríamos de agradecer a confiança em nós depositada e afirmar que você passa a integrar a um grupo que se une e se fortalece na troca de informações entre seus pares, que está sempre buscando atualizações constantes e de qualidade, e que participa de uma entidade, a **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO** que tem como missão desenvolver ações que busquem consolidar a identidade do psicopedagogo, enquanto profissional do processo de aprendizagem nos diversos segmentos da sociedade constituindo-se referência no Estado de São Paulo.

Selma Taurisano - Diretoria Financeira

Helena B.Silva - Diretoria Financeira Adjunta

ARTIGO

Aprender e ensinar: uma relação construída na escola?

A Psicopedagogia surgiu do "espaço" deixado pela Psicologia e pela Pedagogia com o intuito de atender às dificuldades de aprendizagem identificadas em várias salas de aula, sem a devida atenção dos educadores responsáveis pelos alunos que assim se apresentam.

Os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem a medida que não internalizam os conhecimentos ministrados no decorrer de seu percurso escolar, são considerados por seus pais e principalmente professores como sendo os únicos responsáveis por esse acontecimento.

É preciso rever esta tendência de atribuir a responsabilidade somente ao aluno, o que é comum no cotidiano das escolas há muito tempo. Considerando que no processo de ensino e no processo da aprendizagem existem dois sujeitos envolvidos: o que ensina e o que aprende torna-se necessário pensar o que acontece com o aluno (possíveis motivos para sua dificuldade: defasagem cognitiva, alteração na dinâmica familiar etc) e também com o professor (estratégias pedagógicas não adequadas às necessidades deste(s) aluno(s), pouca atenção com aqueles que precisam de mais tempo?)

Temos que levar em consideração a importante participação que o educador possui no desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos. Seu papel mediador na transmissão de conhecimentos pode contribuir para que as dificuldades de aprendizagem sejam evitadas ou, no mínimo amenizadas, portanto a responsabilidade passa a não ser somente do aluno, mas também do educador.

Um exemplo é de um aluno que está na 2º ano do Ensino Fundamental I, o qual durante as aulas, não possui o interesse em fazer o que está sendo proposto pela professora. Muitas vezes os outros alunos terminam a tarefa e ele ainda está copiando o cabeçalho da escola que foi passado no início da aula. Com este (aparente) baixo aproveitamento durante as aulas, a professora o coloca de castigo, tirando-o das aulas de informática, educação física etc. Esta atitude da professora em colocá-lo de castigo por não fazer o que ela propôs, pode prejudicar ainda mais, neste não querer aprender, pois ele pode começar a vê-la como uma figura que toda as vezes lhe priva do que realmente gosta de fazer.

A relação que o educador apresenta com o aluno e, até mesmo com o ensinar é essencial para definir a qualidade da interação que estabelecerá com as situações em que as dificuldades de aprendizagem aparecem. Isto é, quando sua postura é de observação e continência com o aluno e reflexiva em relação à sua atuação, será possível uma atuação mais efetiva do ponto de vista pedagógico e mais afetiva.

É muito comum no Ensino Fundamental II (6º a 9º anos), alunos que não tem um relacionamento agradável com alguns educadores apresentarem ao final ou durante o processo, um péssimo rendimento escolar, o que pode ser observado é que somente com esse educador o aluno não tem boas notas. Esse não (ou baixo) rendimento escolar ocorre porque o educador pode não ser uma figura pedagogicamente eficiente em atrair o interesse do aluno, criando certa antipatia por ele, acarretando assim uma rejeição a aprender o que este educador está transmitindo. Por esta razão encontramos muitas pessoas que tanto durante como após a conclusão do ensino básico apresentam aversão a certas disciplinas.

Por esta razão, a participação de um(a) psicopedagogo(a) no espaço escolar traz uma contribuição extremamente importante, pois ele representa um interlocutor para o professor em seus momentos de impasse e indecisão. Na verdade o psicopedagogo não é quem tem todas as respostas, mas é aquele que **junto** com o professor, refletir, criar formas de melhor atender aos alunos que apresentam dificuldades em sua aprendizagem.

Mônica Mendes - Presidente da **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO** de 2003 a 2007,

Docente da Universidade Presbiteriana Mackenzie, nos cursos de Pedagogia e Psicopedagogia

Referências

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. Cortez Editora, 2005.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado – novas tendências**. Cortez Editora, 2005.

MENDES, Mônica H. A leitura psicopedagógica no contexto escolar. In

Psicopedagogia – Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia, nº 23 vol. 11, 1992.

ESPAÇO ABERTO

Nesta edição inauguramos um espaço de divulgação de autores novos em Psicopedagogia. Artigos, estudos, relatos de experiência poderão ser selecionados, inclusive de alunos de Psicopedagogia, como no caso do Felipe Milano Riveglione, e de psicopedagogos formados como Tiago Cimino. Aproveitem a leitura!

Intervenção Psicopedagógica: entre o excesso de diagnósticos e a função do resgate.

Quando me formei em História em 2002, fui para a prática educacional consciente de que teria uma estrada desafiadora pela frente. Busquei sempre uma bagagem teórica que contribuísse ao cotidiano de minha profissão, participei de cursos de extensão e me pós-graduei em Educação, mas sempre senti a frustração de pouco conseguir aplicar as teorias que me conduziram à profissão e sustentavam minha insistência.

Em fevereiro deste ano, iniciei uma nova pós-graduação, ainda na condição de um profissional buscador. O curso de Psicopedagogia foi minha nova opção e nesses quase dez meses alguns novos paradigmas surgiram diante de mim.

A Psicopedagogia em sua manifestação prática, tal qual qualquer prática profissional, requer o subsídio teórico como ponto de partida para as questões diagnósticas e interventivas.

Em contrapartida, o ofício do psicopedagogo flerta diretamente e intensamente com a criação, conforme nos orienta Maria Lucia Lemme Weiss (2009). Em outras palavras, o psicopedagogo deve criar e recriar a partir das necessidades do sujeito em atendimento, é em torno disso que gira seu potencial criativo.

Não devemos, no entanto, colocar o subsídio teórico e o potencial criativo como faces conflitantes. Na verdade, o processo é exatamente o contrário, estas são faces complementares, parceiras, dialéticas, dois momentos que funcionam como peso e contrapeso para que exista um equilíbrio coerente, ético, que verdadeiramente dê resultados.

A partir do encontro dessas duas faces para a construção de uma mesma premissa, inicia-se o cuidadoso trabalho diagnóstico e, por fim, a intervenção. Há nesse momento transitório, muitas confusões possíveis, uma delas é a de se diagnosticar deficiências ligadas ao ensino como deficiências de aprendizagem e, assim, dar início equivocadamente à intervenção.

Tal equívoco é hoje favorecido por uma espécie de epidemia de diagnósticos. Em um artigo publicado em 02/01/2007 no The New York Times por Gilbert Welch, Lisa Schwartz e Steven Woloshin, os autores afirmam que está se manifestando uma espécie de “medicalização da vida cotidiana”, ou seja, a anormalidade e a normalidade estão se fundindo sob uma perspectiva prática.

Em contrapartida, o ofício do psicopedagogo flerta diretamente e intensamente com a criação, conforme nos orienta Weiss (2009), em seu livro *Vencendo as Dificuldades de Aprendizagem Escolar*.

Nesta perspectiva estabelece-se, de modo “normal” e corriqueiro uma relação entre juventude e déficit de atenção; entre o humor do adulto e transtorno bipolar; entre o idoso e o mal de **Alzheimer**.

Para que não reproduza tal modelo, o psicopedagogo precisa posicionar-se frente ao diagnóstico e à intervenção como tarefas muito mais de resgate do que de correção. Quando há, por questões traumáticas, projetivas, ou de qualquer outra ordem, a construção de modelos e paradigmas negativos no que se refere à aprendizagem escolar, não há o que ser corrigido, mas sim o que ser reconstruído.

Tal debate nos remete às representações. A ação psicopedagógica é solicitada a partir da identificação de uma “anormalidade”, sendo que esta é necessariamente pautada em critérios grupais (família, modelo escolar, religião), portanto, varia.

O processo de resgate ou reconstrução deve considerar tais questões e, por isso, tanto influencia no paradigma que se pretende atingir, como nos elementos de observação diagnóstica e busca de ocultações. Afinal, parafraseando Laura Monte Serrat Barbosa, aprender é necessariamente uma tarefa de alta dificuldade, pois requer mudança de estado, sobretudo quando a mudança se dá em situação de resgate ou reconstrução.

Em muitos casos chegam aos psicopedagogos sujeitos que apresentam extrema recusa das situações escolares, o que favorece à construção de obstáculos de ordem cognitiva e afetiva. É interessante em tais situações priorizar na intervenção o desenvolvimento gradual da “escola boa” em uma perspectiva de resgate. Do mesmo modo que em outras situações é necessário o resgate da “mãe boa”, ou ainda da “família boa”, a escola deve ser reconstruída enquanto conceito estabelecido para o sujeito quando há um conceito deformado.

A Psicopedagogia e a escola são parceiras, possuem funções diferentes, porém, de relação muito estreita, que convergem a um objetivo comum. Isso deve ser assimilado por ambas, mesmo quando a escola favorece mais à não-aprendizagem do que à aprendizagem. Quando não há diálogo autêntico entre estas, o prejuízo será necessariamente do sujeito (paciente/aluno), afinal, de nada adianta resgatar uma perspectiva boa da escola, se de fato ela não é boa.

Por Felipe Milano Riveglini
fmrescritor@yahoo.com.br

Referência

WEISS, Maria Lúcia – **Vencendo as dificuldades de aprendizagem escolar**
- Editora Wak, Rio de Janeiro, 2009

Como uma Educação em Valores Humanos Pode Evitar as Dificuldades de Aprendizagem

Em tempos midiáticos a “promoção” do bullying como principal vilão dos problemas escolares nos mostra duas coisas. A primeira é que não é de hoje que o bullying existe, apenas ganhou nos últimos anos uma rotulação, e como sabemos, quando se tem um nome os casos parecem aumentar, os problemas também e de certa maneira todos se tranqüilizam quando há um nome para um problema. A segunda mostra que muitos casos de dificuldades de aprendizagem são causados por questões que não estão ligados às patologias, à problemas neurológicos, ou à gestação por exemplo, mas sim à questões emocionais, falta de prontidão do aluno e ao bullying.

A incessante busca dos profissionais da educação para resolver os problemas escolares e por consequência das dificuldades de aprendizagem, por vezes fica no campo das teorias e pouco se faz para que cheguem a uma prática. O educador indiano *Sathya Sai Baba*, preocupado com estas questões, inclusive por ser também um líder espiritual em seu país, pensou em uma educação voltada para os valores, onde o aluno aprende o currículo necessário e concomitantemente ao conteúdo aprende a prática dos valores humanos. É sobre a ótica desta educação amplamente difundida na Índia e com escolas adeptas no Brasil que pode estar o concreto para a práxis que auxiliará tanto no dia a dia da escola em questões corriqueiras quanto nas dificuldades de aprendizagem.

A EVH (abreviação de Educação em Valores Humanos) é composta basicamente por cinco valores, Verdade, Retidão, Paz, Amor e Não Violência. Digo basicamente, pois uma infinidade de outros valores está inculcada nestes cinco que englobam os demais.

Felizmente inúmeras escolas oferecem atividades e utilizam em seu currículo os valores, não especificamente o método da EVH, mas trabalham com valores. Porém o trabalho é árduo e está apenas começando, só mudaremos o contexto educacional se incorporarmos primeiramente nos educadores a prática dos valores, pois como bem disse *Sathya Sai Baba* é imprescindível para uma boa educação, ter coerência entre palavra, pensamento e ação.

É importante ressaltar que essa filosofia de ensino não tem vínculos religiosos, doutrinários nem políticos, o que vem de encontro com a verdadeira educação. Ou seja, livre, ampla, e alicerce para quem a usufrui capacidade e autonomia de ser protagonista de sua história, com total liberdade, e sem medo, inclusive de ter dificuldade.

Tiago Cimino

Diretor Secretário

Referência

MESQUITA, Maria Fernanda. **Valores Humanos na Educação: Uma nova prática na sala de aula**, 2ª edição. São Paulo. Editora Gente, 2003

ACONTECEU

RODA DE CONVERSA

Roda de Conversa é o nome dado ao evento que a **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO** promove e tem o intuito de reunir um grupo de profissionais para poder conversar e discutir a respeito de um tema. Em setembro o tema “Consultório de Psicopedagogia, além do espaço físico: a legalidade, a ética e a relação de ajuda”, foi discutido e comentado por Sonia Colli que abordou, entre outros, os seguintes tópicos:

* **Espaço físico do consultório:** É necessário senti-lo como nosso, apropriar-se dele, não importa se é alugado, compartilhado com um colega de profissão ou com outros especialistas. O importante é como eu me aproprio do espaço para torná-lo agradável e aconchegante, de uma forma que não me canse. Ele não tem uma neutralidade, ao contrário, ele emite mensagens. O profissional deve refletir sobre o que quer passar, o que vai fazer e no que acredita. Ele tem que ser acolhedor, garantir privacidade e ter conforto.

PROJETO SOCIAL

Projeto ABPp **SEÇÃO SÃO PAULO** vai à escola

A **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO** tem como missão desenvolver ações que busquem consolidar a identidade do psicopedagogo, enquanto profissional do processo de aprendizagem nos diversos segmentos da sociedade, constituindo-se como referência no Estado de São Paulo.

Desse modo, a diretoria **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO** se organizou para estabelecer contato com escolas públicas da cidade de São Paulo, para desenvolver propostas que visem a formação profissional. Como premissas norteadoras foram estimuladas a reflexão sobre escolhas pessoais e ampliação de possibilidades; na resolução de problemas com os alunos e com seus pares.

O projeto teve início, a partir de julho deste ano, com encontros gratuitos, com participação voluntária, realizados uma vez por mês, durante aproximadamente uma hora, em uma escola da Zona Norte de São Paulo.

A **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO** assumiu, com este novo caminho, seu compromisso social com a Psicopedagogia, através de ações de relevância específica, ao trabalhar com professores de escolas públicas; e também atuou de forma abrangente, contribuindo para modificar a qualidade dos processos de ensinagem/aprendizagem.

Sandra Lia Nisterhofen Santilli - Diretora vice-presidente

INDICAÇÕES

Li e recomendo.

“GERAÇÃO RITALINA”

Não sou assinante desta revista, mas a edição de número 203, da revista TRIP que chegou as bancas em setembro deste ano tinha uma manchete que chamou a minha atenção: O que temos que aprender sobre educação?

Por curiosidade comprei um exemplar.

Vale apenas ler a matéria intitulada “Exercício de Dialética” onde Semler - do grupo de escolas Lumiar - e Ioschpe - ganhador do prêmio Jabuti, com a obra A ignorância custa um mundo - , dialogam sobre suas visões sobre educação.

Também recomendo a leitura da matéria “A pior escola do Brasil”; e entre essas atuais, diferentes e interessantes matérias está publicada, neste número a escrita pelo repórter e jornalista Millos Kiser, “Geração Ritalina”.

Este repórter que passou uma semana sob o efeito dessa droga apelidada por seus críticos de “droga da obediência”, faz um diário desta experiência pessoal onde relata a sensação de um anestesiamiento sutil provocado pelo remédio.

Nesta matéria temos também a posição divergente de dois profissionais; enquanto a presidente da ABDA afirma “Ciência não se discute”, um membro do Instituto de Psicologia da USP opõe-se quando diz “TDAH” não existe.

* **Legalidade:** A entidade não tem fiscalização, mas a prefeitura fiscaliza a divulgação do nome (fiscalização sobre o serviço). É importante pensar na divulgação do consultório com placa, indicador profissional. Procurar contador recomendado, inscrição na prefeitura, ISS. Emitir nota fiscal, recibo ou RPA (recibo de profissional autônomo). Ponderar se o caso é abrir empresa ou trabalhar de forma autônoma (RPA). Importância de um contabilista orientando.

* **Honorários:** Em relação a isso Sonia foi enfática: “a criança não pode ficar sem atendimento por questão financeira”. Nesse sentido os honorários devem ser pensados de modo que a família possa dar continuidade ao tratamento, de forma que se o atendimento é **X** e a família não pode arcar com o custo, ver a contraproposta que ela oferece e fazer a sua. Todos os valores possíveis existem no mercado, e variam de acordo com a região e a população que se atende. No contrato com a família define-se a forma do pagamento caso a caso, podendo ser mensal ou por sessão, além de questões relativas à falta e reposição de sessão.

* **Postura do profissional:** A atuação no consultório necessita da supervisão psicopedagógica. Existe uma resistência do profissional em ir para terapia, mas a psicoterapia é uma recomendação, não é obrigatória, somente para a titularidade na associação. A participação em eventos da ABPp significa um compromisso que o profissional tem consigo mesmo, mas também de comunicação com os seus colegas e com seus clientes. Para quem está iniciando, Sonia sugere escrever artigo nos jornais que circulam no bairro, ir a um colégio falar da disponibilidade para atender aluno por um valor simbólico.

* **Relatórios:** É imprescindível o uso do relatório, para a família e para a escola. Manter a escola informada sobre o trabalho psicopedagógico é necessário, e por conta disso são recomendáveis visitas semestrais a instituição. Quando a escola encaminha e a família não procura, o profissional, este deve avisar a escola.

* **Clientela e convênios no consultório:** É necessário saber administrar o consultório, pois existem épocas do ano que a clientela é maior, outra é menor: trabalhamos 9 meses, para sustentar 12. Em relação à convênios é fato, que só é reconhecido o profissional que tem conselho federal e regional.

* **Relação de ajuda:** A intervenção psicopedagógica visa organizar recursos que levem o sujeito ao encontro de suas próprias possibilidades para desconstruir formas de aprender ou não aprender e substituí-las por outras que permitam a satisfação do saber, do conhecimento, ela não é reforço psicopedagógico, é fazer o outro procurar seus próprios recursos para aprender, não é insistir com conteúdo. O que garante é o vínculo e a relação. O referencial teórico de Robert Carkhuff que buscou na operacionalização das habilidades interpessoais, propondo a construção da relação de ajuda na intenção de compartilhar informações e conhecimentos, norteou a discussão de Sonia que esclareceu ser o fim último da relação de ajuda na intervenção psicopedagógica, a mudança pretendida pelo ajudado, ainda que algumas sejam mais demoradas: pretende-se que a pessoa seja capaz de reformular a cada dia sua própria direção, buscando aquilo que deve e pode fazer.

* **Código de ética:** O seu cumprimento independe de ser membro associado da ABPp. É o que se espera de um profissional.

Podemos afirmar que neste encontro tivemos uma conversa fundamental sobre um tema essencial para a prática profissional do psicopedagogo.

Ivanilda Moura Santos - Diretora cultural

Maria Cristina Natel - Diretora presidente